

7

Em tempo de guerra não se limpam armas

No conto “Em tempo de guerra não se limpam armas” a ironia fica por conta da forma escolhida por Manuel Rui para tratar a violência e a alienação. Nesta narrativa, o tom cômico será o principal recurso de escrita utilizado pelo autor para narrar um episódio da vida dos personagens Ribeiro Vinteseite, um cozinheiro, e Mateus, seu amigo.

O cozinheiro “passara já dos cinqüenta e com aquela idade poucos pretos se orgulhavam de terem sido tropas. Vinteseite fora preso para soldado quando em Nova Lisboa (...) aportou o batalhão dezoito, de açorianos. Ruscaram-no.”¹³⁸ Depois o sargento Ribeiro, que também era músico e foi o responsável pelo sobrenome dado a Vinteseite, escolheu o soldado para a faxina e posteriormente “entregou as rédeas da culinária ao impedido: Ficou cozinheiro, Vinteseite.”¹³⁹

O sargento, por sua rivalíssima banda, adaptando-se, aliás, aos costumes da terra, descuroou as veleidades musicais metendo-se em sinuosas negociatas de bacalhau, azeite e vinho (requisitados na cantina militar recém-criada), e servindo de intermediário ao quarteleiro Borges, cabíssimo de trinta e cinco anos, vendedor de balame a caçadores e que por isso desprezava promoções.

O músico afinou as notas da bolsa, desfilou chefiando a charanga em todas as cerimônias do estilo, condecorado duas vezes, contou os cobs depositados no Banco de Angola em nome da mulher (para não levantar suspeitas), convocou um construtor e, em pouco mais de ano e meio, alindou Nova Lisboa com dois edifícios, instalando num deles um restaurante (tudo em nome da consorte).¹⁴⁰

Na citação anterior, percebe-se o modo escolhido pelo narrador para contar-nos como o patrão de Vinteseite enriqueceu. O comentário indica a forma como o colono adaptou-se à terra e, com humor, revela-nos o ato ilícito praticado por esse personagem ao meter-se nas “sinuosas negociatas de bacalhau”¹⁴¹

Vinteseite, desmilitarizado, “passou à disponibilidade, reempossado, entretanto, na categoria de cozinheiro do restaurante.”¹⁴² Porém, o sargento foi

¹³⁸ RUI, Manuel. “Em tempo de guerra não se limpam armas”. In: ---. *Regresso Adiado* (contos). 2ª ed. Lisboa/Luanda: Edições 70, 1977, p. 101.

¹³⁹ Ibid., p. 102.

¹⁴⁰ Ibid., p. 102-103.

¹⁴¹ Ibid.

¹⁴² Ibid., p. 103.

“cavilhar nas ilhas matanças de leões”¹⁴³, deixando em Nova Lisboa um procurador para o seu patrimônio, em que Vintessete estava incluído.

Melhor não escolheu que o médico ex-militar, radicado em Angola, homem sério e íntegro, salvador dos piores paludismos em que se debateu a família Ribeiro. Gastrônomo refinado, por médico rebocou, por seiscentos escudos ao mês, Vintessete para cozinheiro particular.¹⁴⁴

É possível notar que aos poucos vão sendo inseridos trechos irônicos ao relato da vida do cozinheiro. Como podemos verificar no comentário sobre o inusitado fato de o antigo patrão de Vintessete ter se aperfeiçoado na língua portuguesa bem longe da metrópole. Aqui a contradição está presente não só por se tratar de um colono, mas por tratar-se de um colono instruído:

O doutor e a senhora, à mesa, quando falam no músico dizem o “Ribêro”, depreciando, mas é certo que Ribeiro melhorou o seu português em África. Fenomenal mas verídico. Um músico, mestre em música, aprender a língua pátria (ou, se quiserem, aperfeiçoar) longe, bem longe, das praias de Belém!¹⁴⁵

Em entrevista concedida a Michel Laban, Manuel Rui revela que o comportamento dos personagens “traduz-se numa alienação e desconhecimento da violência que os cerca, mas nos momentos mais cruciais essa consciência torna-se quase epidérmica.”¹⁴⁶ Partindo do comportamento alienado dos personagens, é introduzido o episódio que traz a conscientização a respeito da existência da violência.

Portanto, o esclarecimento da história do cozinheiro indica o ponto principal do conto: a alienação. Sem consciência do que se passa ao redor, os dois amigos são caracterizados pelo desconhecimento da realidade em que vivem, o que pode ser percebido, sobretudo, quando atentamos para o conteúdo das conversas diárias entre eles, nas quais Vintessete, em momentos alegres, relata a Mateus as suas peripécias como soldado dentro do quartel.¹⁴⁷

¹⁴³ RUI, Manuel. op. cit., p. 104.

¹⁴⁴ Ibid.

¹⁴⁵ Ibid.

¹⁴⁶ Id. In: LABAN, Michel. op. cit., p. 720.

¹⁴⁷ RUI, Manuel, op. cit., p. 101.

Vintessete “nunca tivera makas com zeladores da Câmara que executavam batidas e caçadas aos ciclistas sem licença, sem chapa ou sem luz”¹⁴⁸, nunca se envolvera em confusão. No entanto, certa noite, indo ao encontro de seu amigo Mateus para beber um litro de vinho e matar “as mágoas de quem é cozinheiro e mora na Calumanda em casa de adobe amassado aos domingos”¹⁴⁹, surge um contratempo. A partir desse evento, a consciência da violência é despertada nos personagens.

Nesta noite, Vintessete saiu da casa do médico, seu novo patrão, para o encontro habitual com o amigo. “Precavido como sempre. Documentos em ordem no bolso, dínamo sem avarias a raspar o pneu e do meio do guidador o jato luminoso”.¹⁵⁰ Vintessete seguiu viagem sossegado. Não era tarde e, além de ter os documentos, era o cozinheiro do médico mais importante da cidade:

Deslizava Vintessete nesta moral, balanceando na descida, a barriga a pedir alívio, desaperto de cinto, mesmo em frente ao casario dos brancos, novo, sem reboque e caiadura. Bicicleta no chão e Vintessete a correr, calça aberta para o mato, livre, público, do lado esquerdo.
Não há pressa.¹⁵¹

Enquanto permanecia no mato, Vintessete distinguiu passos e vozes de brancos e viu vultos à beira da estrada, um deles erguendo a sua bicicleta e a soltando no ar como uma sucata sem valor.¹⁵² Nessa visão, o cozinheiro percebeu o primeiro ato violento praticado pelo grupo de policiais responsáveis pela ronda local contra ele: “Uma ‘Humber’ de mil e trezentos e quarenta e cinco escudos! Soou pesado na pele o choque da bicicleta no chão, o farolim a estilhaçar-se no peito arranhado do cozinheiro pacífico.”¹⁵³

Branco assim? Refletiu num ápice. Mas, antes que a pergunta rebentasse nas veias da noite, a resposta amarrotou o silêncio de encontro ao susto, penetrante, enorme, do tamanho da vida. Um tiro assobiar por cima da cabeça de Vintessete, que se levantou lesto, buraco no cinto da fivela.¹⁵⁴

¹⁴⁸ Ibid., p. 99.

¹⁴⁹ Ibid., p. 105.

¹⁵⁰ Ibid., p. 111.

¹⁵¹ Ibid., p. 112.

¹⁵² Ibid., p. 113.

¹⁵³ Ibid.

¹⁵⁴ Ibid.

Nesse momento, Vintessete finalmente reflete e percebe o que acontecia ao seu redor. Nota a violência contra ele, muito mais explícita que a investida contra a bicicleta. Seguido da pergunta “Quem está aí?”¹⁵⁵, “outro tiro fuzilou o mato, retesando os nós dos dedos das vissapas. Desta vez o assobio zunia mais perto.”¹⁵⁶ Após o terceiro tiro que o deixou apavorado, o cozinheiro finalmente conseguiu responder, gritando “como um herói encostado ao muro da execução”¹⁵⁷.

Eu próprio. Ribeiro Vintessete. Cozinheiro do Doutor Carlos Ferreira. Tem documento, soldado e português. HERÓIS DO MAR, NOBRE POVO... e entoou ali no ermo, sem içar de bandeira ou feriado nacional, “A Portuguesa”. O arrevesado canto rolhava o cano da arma e o cozinheiro pautava-o devagar, prolongando as sílabas. Defendendo os ossos com a ensinança do sargento Ribeiro.¹⁵⁸

De acordo com Manuel Ferreira, a resposta de Vintessete compõe um apelo patético que demonstra a frustração do assimilado, confiante em sua reconfiguração identitária, pautada na assimilação da cultura européia. Porém, segundo o autor:

(...) de nada lhe valeria este patético apelo. E ele que durante a vida se foi construindo e refazendo à imagem e semelhança de uma cultura assimilada, de chofre é atingido na sua boa-fé – e traído. Indefeso, amargurado, o seu espanto ganha a ressonância dos humilhados e ofendidos. Vítima indefesa, este negro Ribeiro Vintessete que foi soldado, que era português, que tinha documento e até sabia entoar o Hino Nacional, ensinado pelo sargento Ribeiro. Vítima, tal como Luís Alvim, o mulato de sangue azul. Duas vítimas em circunstâncias diferentes, o que valoriza a denúncia do estado de alienação.¹⁵⁹

O grupo responsável pela prisão de Ribeiro Vintessete era composto por cinco homens. Um deles, o que “empunhava a espingarda em posição de tiro instintivo e para cúmulo tremia também”¹⁶⁰, era o tirano Castro, “que Vintessete conhecia de ginjeira. (...) Temido por quantos pretos receosos da etiqueta, da multa, da apreensão.”¹⁶¹

¹⁵⁵ Ibid., p. 114.

¹⁵⁶ Ibid.

¹⁵⁷ Ibid.

¹⁵⁸ Ibid., p. 114-115.

¹⁵⁹ FERREIRA, Manuel. op. cit., p. 12.

¹⁶⁰ RUI, Manuel. op. cit., p. 115

¹⁶¹ Ibid.

Após a intervenção deste grupo, Vintessete nota, com amargura, a violência e o preconceito a que o submetem. O sentimento de humilhação ganha espaço em suas reflexões, que funcionam como uma crítica ao preconceito cultivado contra os negros e revelam a “violência física e moral de que um grupo humano é capaz, se de súbito colocado numa situação instável, inquietante, numa situação de pânico”.¹⁶²

Abrigarem fogo à toamente. Insultarem um homem. Um preto mas um homem. Como dizia o sargento Ribeiro, tinha coração, olhos, boca, distinguia as coisas; não era um bicho! Lá que o tratassem por tu, ó rapaz (ele com idade para pai de Castro) estava bem, um preto é um preto. Mas filho desta filha daquela, pontapé no rabo como a um cão?¹⁶³

Vintessete sentiu-se humilhado. No entanto, apesar de tudo, ainda tinha esperanças de ver aquela situação revertida pelo patrão. Afinal, “O doutor não desprezaria o cozinheiro e havia de pedir contas àqueles brancos impiedosos.”¹⁶⁴:

O cozinheiro a confiar piamente na proteção do médico, inclusive a convencer-se de que se o doutor viesse à cena, imediatamente poria e disporia ralhando com aqueles brancos de meia-tigela. Esta esperança agigantou-se no momento em que o Castro indagou:

- És Ribeiro Vintessete, criado do senhor doutor?...
- Sim senhor, patrão. Ribeiro Vintessete do doutor Carlos Ferreira.¹⁶⁵

Porém, a resposta ao telefonema da polícia à casa do médico foi bem diferente da que Vintessete esperava: “O cozinheiro é nosso mas o senhor doutor manda dizer que agora está muito ocupado, não pode atender. De qualquer forma, o rapaz tem de estar cá amanhã para o almoço. Percebe?”¹⁶⁶

Vintessete acreditava que o médico viria imediatamente e o livraria daquela situação constrangedora. Contudo, mais uma vez, a resposta frustra a expectativa do cozinheiro. Na casa, apenas comunicam à polícia que ele tem que estar lá de manhã para cumprir as suas obrigações. Isso mostra que ele é reconhecido apenas pela sua função, que não tem nenhuma importância além da sua atividade na cozinha para a família do médico.

¹⁶² FERREIRA, Manuel. op. cit., p. 11-12.

¹⁶³ RUI, Manuel. op. cit., p. 117.

¹⁶⁴ Ibid., p. 120.

¹⁶⁵ Ibid., p. 121.

¹⁶⁶ Ibid.

Passada a cena, no dia seguinte, quando Vintessete reencontrou-se com Mateus, os dois foram aos poucos comentando o episódio violento. No entanto, a partir desse momento, a consciência da violência explicita claramente as limitações com que os dois amigos teriam de lidar para evitar situações constrangedoras como a da noite anterior:

À direita eram essas casas de alvenaria borbulhando em fila desalinhada a sombra monótona das palhotas em sua simplicidade de barro e capim. Casas de brancos com poucos meses de África, pedreiros das obras públicas, em grande parte, que reuniam de um sábado para domingo e construíam uma casa, clandestinamente, iludindo a fiscalização. E Mateus precisava despertar as calças, no mato, lado esquerdo do bairro branco em semente.

Vintessete, mais velho, aconselhou: esforça-se até mais longe, às traseiras da loja da dona Alice. Questão de segurança, evitar confusão. Mateus admirado. Por quê? Tantas vezes, tantas, arriara ali as calças, no mato sem dono, afastado da casa dos brancos! Vintessete também cocorava ali amiúde e agora essa proibição de fazer ali o serviço, por quê? Feitiço no meio das vissapas? (...) Ali é que não permitia que Mateus se agachasse no mato. Pior do que brincar com a má sorte. E tudo estava ligado. Aquele sítio, a esquadra, a razão da ausência no dia anterior.¹⁶⁷

Agora tinham conhecimento de que deveriam evitar situações que poderiam levá-los a sofrer atos violentos por parte dos policiais. O aspecto proibitivo da violência estava instaurado, “daí que Vintessete nunca descure os documentos, arma concedida na defesa do trânsito vigiado.”¹⁶⁸

Tendo em vista a gravidade da situação vivida pelo cozinheiro, este dá indícios de que não iria esquecer com facilidade aquele episódio. Após narrar o acontecimento da noite anterior ao amigo, ficou à porta da tasca de dona Alice, “meditabundo, com os olhos a chorar tal qual o dia de ontem”.¹⁶⁹ Mateus, percebendo a tristeza do amigo, fez humor:

– Mas velho, você com o serviço no meio como foste em pé logo-logo sem limpar, as calça vestida?

Mateus não estava alegre, não. Era só máscara para desentristecer. Vintessete ia dar o flanco. Com uma das sacramentais frases do sargento Ribeiro:

– É isso. Em tempo de guerra não se limpa arma.¹⁷⁰

¹⁶⁷ Ibid., p. 108-109.

¹⁶⁸ Ibid., p. 111.

¹⁶⁹ Ibid., p. 122.

¹⁷⁰ Ibid., p. 122-123.

O ato de não perder tempo ao ser surpreendido no mato é a expressão da consciência gerada de forma abrupta, que representa o instinto de sobrevivência. Vintessete só percebe a violência presente ao seu redor após ter essa reação de auto-proteção de forma impulsiva. A sua tomada de consciência parte da experiência vivida nas situações violentas da noite anterior e representam a conscientização gerada pelo instinto de sobrevivência, que levam o personagem à conclusão de que “em tempos de guerra não se limpam armas”.